

**INSTITUTO FEDERAL GOIANO - CAMPUS MORRINHOS
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

LUCIENE DE LIMA XAVIER SILVA

**O NEGRO E SUAS FACETAS NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA PARA AS
SÉRIES INICIAIS**

**MORRINHOS - GOIÁS
2018**

LUCIENE DE LIMA XAVIER SILVA

**O NEGRO E SUAS FACETAS NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA PARA AS
SÉRIES INICIAIS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos, como requisito parcial a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Linha de Pesquisa: Ensino de História

Orientador: Prof.º Dr. Marco Antônio Carvalho

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

Sn Silva, Luciene
O negro e suas facetas no livro didático de história para as séries iniciais / Luciene Silva; orientador Marco Carvalho. -- Morrinhos, 2018. 36 p.

Monografia (Graduação em Pedagogia) -- Instituto Federal Goiano, Campus Morrinhos, 2018.

1. Representação. 2. Afrodescendentes. 3. Livro didático. 4. Lei 10.639. I. Carvalho, Marco, orient. II. Título.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Luciene de Lima Xavier Silva

Matrícula: 2014104221310267

Título do Trabalho: O negro e suas facetas no livro didático de história para séries iniciais

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: __/__/__


O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

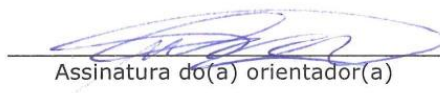
DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.


Local Morinhos, 21/03/19.
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
CAMPUS MORRINHOS
Curso de Pedagogia
Coordenação de Trabalho de Curso


ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CURSO – TC


No dia 13 de dezembro de 2018, às 14:00 horas, nas dependências do Instituto Federal Goiano, Campus Morrinhos, ocorreu a banca de defesa do trabalho de curso (TC) intitulado: **O NEGRO E SUAS FACETAS NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA PARA AS SÉRIES INICIAIS**, da aluna Luciane de Lima Xavier Silva, sob a orientação do professor: Dr. Marco Antônio de Carvalho do Curso Superior de Pedagogia. A banca de avaliação foi composta pelos professores: Prof.^a Dr.^a Sangelita Miranda Franco Mariano e Prof.^o Esp. Renato Silva Vasconcelos.

A média obtida foi 7,2 (Sete pontos e dois décimos), sendo considerado o(a) aluno(a)

- aprovado sem ressalvas.
- aprovado com ressalvas.
- não foi aprovado.
- não compareceu

Morrinhos, 13 de dezembro de 2018.


Prof. Dr. Marco Antônio de Carvalho


Prof.ª Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano


Prof. Esp. Renato Silva Vasconcelos

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela oportunidade de realizar um sonho antigo, que é cursar pedagogia.

Agradeço aos meus filhos, pela paciência e colaboração nesses anos que fiquei parcialmente ausente deles.

Aos meus pais, que me apoiaram e ajudaram com meus filhos.

Ao meu marido, por ter percebido a importância dessa formação, pelo apoio moral e por cuidar dos nossos filhos durante esse tempo.

A todos os meus familiares, pela tolerância.

Aos professores que me auxiliaram e em especial alguns que ficaram mais próximos a mim.

Agradeço imensamente ao apoio que a professora Léia Adriana teve comigo todo esse tempo, agradeço pelos ensinamentos, pelo carinho, pelo incentivo e dedicação com o meu trabalho.

Agradeço ao meu orientador Marco Antônio, pelas orientações prestadas. À professora Sangelita pela atenção sempre que precisei.

Por fim, agradeço a todas as minhas colegas de curso e demais pessoas que fizeram parte desse momento histórico em minha formação acadêmica. Obrigada!

O NEGRO E SUAS FACETAS NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA PARA AS SÉRIES INICIAIS

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar as imagens do negro no livro didático em dois livros do Ensino Fundamental I a partir da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira. No primeiro momento, apresenta-se um estudo teórico sobre alguns autores que escreveram sobre identidade, alteridade, representação e estereótipos. No segundo momento um breve relato do que tem sido escrito a respeito do negro nos livros didáticos, após a Lei. No terceiro momento há um relato do livro didático no Brasil e de como a imagem do negro está representada de maneira negativa, na maioria das vezes, nesse tão importante veículo de informação. Para encerrar a pesquisa, se encontra uma análise das imagens do negro no livro didático, na tentativa de perceber se depois da Lei que obriga o ensino correto dos estudos afros, essa imagem ainda é ilustrada de maneira subalterna.

Palavras-chave: Representação. Afrodescendente. Livro Didático. Lei 10.639

ABSTRACT

This study aims to analyze the images of the black in the textbook in two books of Elementary School I from Law 10.639 / 2003, which made it compulsory to teach African and Afro-Brazilian history and culture. In the first moment, a theoretical study is presented on some authors who wrote on identity, alterity, representation and stereotypes. In the second moment a brief account of what has been written about the black in textbooks, after the Law. In the third moment there is an account of the textbook in Brazil and how the image of the black is represented in a negative way, in most times in this important information vehicle. To close the research, we find an analysis of the images of the black in the didactic book, in an attempt to understand if after the Law that obliges the correct teaching of Afros studies, this image is still illustrated in a subaltern way.

Key Words: Representation. Afrodescendente. Textbook. Law 10.639 / 2003.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Sumário do Livro Didático Projeto Buriti História.....	24
Figura 2 Sumário Livro Didático Projeto Buriti História.....	24
Figura 3 - Representação do que poderia ter sido uma comunidade Yorubá.....	25
Figura 4 - Embarque dos navios negreiros	26
Figura 5 - Sumário do Livro Projeto Coopera.....	28
Figura 6 - Engenho de Frans Post, 1660. Óleo sobre a tela. Museu Nacional de Arte, Copenhague, Dinamarca.....	29
Figura 7 - O tráfico de escravizados	31
Figura 8 - O trabalho	32
Figura 9 - Dança africana	33
Figura 10 - Apresentações de Jongo (São Paulo e Maracatu (Pernambuco).....	34
Figura 11 - Roda de Capoeira (Bahia).....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O QUE TEM SIDO ESCRITO A RESPEITO DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS, APÓS A LEI 10.639/2003.	17
3 - A PESQUISA SOBRE OS AFRODESCENDENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS APÓS A LEI 10.639/2003.....	21
3.1 Projeto Buriti História para quarta série	23
3.2 Projeto Coopera: Uma análise de textos e imagens no 4º ano.	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre o negro não é um trabalho fácil, em pleno século XXI o pré-conceito está impregnado na população. Sempre tive amigos negros, desde quando era criança, nunca tive preconceito com cor, casei-me com um negro e tenho dois filhos negros. Meu primeiro filho, Luan, nasceu dia 20 de novembro, por coincidência data em que o Brasil comemora o dia da Consciência Negra e também a morte de Zumbi dos Palmares, que foi líder do maior dos quilombos do período colonial. A data foi incluída no calendário escolar nacional em 2003 e em 2011 a Lei 12.519 intitulou oficialmente a data como o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra.

Falamos sempre sobre o preconceito e que ele existe em muitos lugares, não apenas na cor da pele, como também no sexo, religião entre outros. Até hoje meus filhos não sofreram preconceitos por terem a pele negra, a minha filha, Lauany, falava que queria ter cabelos lisos e loiros igual algumas coleguinhas da escola. Passamos à assistir filmes infantis que trazem personagens negros e também contos que trazem os negros, sempre explicando que todos os seres tem seus valores independentemente da cor da pele.

Mostro para meus filhos que precisamos nos colocar no lugar do próximo, sempre praticando a alteridade, para sentirmos o que o outro sente. E que só podemos fazer com o próximo o que gostaríamos que fizessem com nós. O termo alteridade vem do latim *alteritas* (outro), e é a concepção que parte do pressuposto básico de que devemos dialogar com o outro. Por fim, alteridade não significa que tenha de haver uma concordância, mas sim uma aceitação de ambas as partes, ou seja, devemos aceitar o outro como ele é, mesmo que não sejamos a favor das ações do próximo.

Neste sentido, muitos são os motivos para o desenvolvimento de uma pesquisa que tem como foco os afro-descendentes no Brasil, e compreender como essa temática tem sido trabalhada nos livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental I de duas escolas municipais da cidade de Morrinhos Goiás.

O número de habitantes negros é de 54% da população do país. E desse número são 33,7 milhões de negros em condições de pobreza e 15,1 milhões vivendo em condições de indigência (IBGE, 2017).

Baseia-se que 27% dos estudantes da população negra, entre 11 e 14 anos, estão entre a 5ª e 8ª série, enquanto, entre os brancos, o índice é de 44%. Uma pessoa negra de 25 anos possui

cerca de 6,1 anos de estudo, enquanto uma branca, passou, aproximadamente 8,4 anos na escola. A taxa de analfabetismo é três vezes maior entre os negros (SANTIAGO, 2017).

O afrodescendente busca manter viva sua história, ou seja, sua identidade e sobre isso Jamil Zogueib Neto (2005), em seu texto A identidade e seus processos, discorre que:

O processo identificatório é sempre uma construção psicossocial. A sua resultante, o sentimento de identidade, será uma representação, uma construção subjetiva e sempre inacabada nos ensaios realizados pelo sujeito para receber-se e atingir uma totalidade. Ela se inscreve em uma temporariedade e tem a ver com a procura de um sentido pessoal na existência, com um projeto de vida, com a congruência e com a necessidade de sentir-se coerente, solidez almejada e que é permeada de ilusão. (NETO, 2005, p. 15).

Segundo Desprairies (2005), a identidade se inscreve no tempo, nos espaços e nas situações. E que a preocupação identitária é vista como ameaça vivida pelas referências, base que permitia experimentar o sentimento de uma comunidade, de uma coerência suficiente.

E como esse processo de identidade está sempre em modificação, a comunidade afrodescendente passa por algumas crises de identidade no decorrer de sua vida, oscilando seus pensamentos, surgindo a vontade de mudar a cor e alisar o cabelo, fazer plásticas no rosto entre outros. Desprairies (2005), observa que:

Essa representação leva a uma reivindicação identitária: a angústia, o mal-estar seriam os sinais da perda de um conteúdo substancial que precisaria ser re-encontrado. Reivindicação muito mais afirmada do que sustentada, neste clima de ameaça, por um processo de idealização do equilíbrio posterior. (DESPRAIRIES, 2005, p. 200).

Mediante o exposto, tentaremos responder no decorrer da pesquisa tal questão: O que mudou e se realmente mudou depois da Lei 10.639/2003 houve mudanças nos livros didáticos sobre a história dos africanos afrodescendentes que formaram e formam a sociedade brasileira, depois da Lei 10.639

Como base foram usados alguns teóricos que tratam sobre as particularidades que fazem parte da criação da comunidade afro- descendente, como por exemplo sua identidade, alteridade e as representações sociais em que o negro está inserido nos livros didáticos das séries iniciais.

No texto de Joice Oliveira Pacheco, Identidade Cultural e Alteridade: Problematizações Necessárias, a autora coloca que “a diferenciação, portanto, é responsável por (re)construir/(re)produzir a alteridade, por definir quem é o “outro”, e torná-lo identificável, (in)visível, previsível. Ao dividir, separar, classificar, normalizar, a diferenciação resulta na hierarquização”. (PACHECO, 2007, p. 03).

Cada ser humano ou cada grupo de pessoas tem seu jeito próprio de viver e de olhar o mundo, isso diferencia um cidadão do outro tornando-o próprio. A marcação da diferença constitui então, o componente chave de qualquer sistema de classificação que vise definir quem é a “identidade” e quem é a “diferença”, tal como afirma Pacheco (2007).

Analisando a relação identidade/diferença e a conexão que uma tem na outra, seria inevitável, e necessário até (se assim podemos dizer), “novos diferentes” capazes de “normalizar” essas “novas identidades” que emergem. (PACHECO 2007).

Para a autora, embora os significados e as sensações que a ideia e a própria palavra “comunidade” remetem enquanto algo bom e positivo, há sempre um preço a pagar pelo privilégio de “viver em comunidade”. O que precisa ser enfatizado, é que a comunidade transmite um modelo de cidadão, mas nem todos seguem esse padrão e com isso ocorre o processo de exclusão.

O historiador Roger Chartier, em *O mundo como Representação*, discorre sobre os três deslocamentos sob forma de renúncia: o projeto de uma história global, capaz de articular num mesmo apanhado os diferentes níveis da totalidade social; a definição territorial dos objetos de pesquisa, geralmente identificados com a descrição de uma sociedade instalada num espaço particular (uma cidade, uma província, uma região) - que era a condição de possibilidade da coleta e da análise dos dados requeridos pela história total; o primado atribuído ao recorte social considerado capaz de metodizar a compreensão das diferenciações e das partilhas culturais. “Ora, este conjunto de certezas/abalou-se progressivamente, deixando o campo livre a uma pluralidade de abordagens e de compreensões” (CHARTIER, 1991, p.176).

Em seu texto sobre a representação como forma de leituras, alega que:

E preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. Longe de uma fenomenologia da leitura que apague todas as modalidades concretas do ato de ler e o caracterize por seus efeitos, postulados como universais, uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura. (CHARTIER, 1991, p. 178).

O ato de ler não é somente uma operação abstrata de inteligência: é colocar em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro. (CHARTIER, 1991).

Muller (2012), em *O negro no livro didático: O que nos contam as imagens*, discorre que:

[...] o livro didático era entendido pelos legisladores e autoridades religiosas desse período como um recurso preciso para padronizar a educação em todo o território nacional, de modo que os jovens permanecesse a uma mesma cultura, compartilhassem valores, maneiras de expressão e de comportamento. (MULLER, 2012, p.63).

No texto “A identidade como processo, entre ligação e desprendimento”, Florence Giust- Desprairies, relata que a crise de legitimidade, a aceleração das modificações que interferem nos modos de práxis e nas relações humanas têm como consequência um certo estremecimento do vínculo social pelo questionamento das interpretações que permitem produzir o sentido.

Assim,

Essa representação leva a uma reinvidicação identitária: a angústia, o mal-estar seriam os sinais da perda de um conteúdo substancial que precisaria ser reencontrado. Reinvidicação muito mais afirmada do que sustentada, neste clima de ameaça, por um processo de idealização do equilíbrio anterior. (DESPRAIRIES, 2005, p.200).

Nesse sentido, o ser não é apenas o objeto de uma história, de um contexto, ele se estabelece também de acordo com os modos de assimilação de objetos sociais reencontrados, escolhidos e criados. Tal como afirma Desprairies, (2005, p. 202), “é com efeito, a retomada pelo sujeito dos elementos exteriores a ele, segundo modalidades particulares, a possibilidade de uma ligação significativa para ele entre o interior e exterior que dá o sentido de identidade”

No texto de Ariane P. Ewald, intitulado como Identidade e construção do sujeito numa era de incertezas, ela discorre sobre “o processo de homogeneização que tem ocorrido como desdobramento da globalização parece ter, ao mesmo tempo, acentuado mais ainda certas diferenças, desigualdades, miséria e injustiça de todo gênero” (EWALD, 2005, p. 217).

Ewald (2005), também assevera que a identidade pessoal, que nos faz sentir tão próximos de nós mesmos, tão únicos, indica que somos também referentes ao mudo em que vivemos, ou seja que fazemos parte dessa construção. Assim,

O processo de interiorização de ideias passa também por um elo afetivo, elo este que cria laços de união entre os indivíduos e nossa “comunidade de destino” – aquela que elegemos como sendo nosso lugar de pertencimento, e os horizontes dessa visão são definidos por esse mesmo grupo. (EWALD, 2005, p. 227).

A partir do texto de Giralda Seyferth, cujo nome é *O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre racismo*, ela coloca que o Estado-nação classifica como cidadãos apenas aqueles classificáveis como nacionais. Segundo a autora,

As primeiras clivagens da humanidade baseadas no fenótipo surgiram no século XVI, ainda que não existissem termos propriamente raciais e as especulações sobre as diferenças estivessem articuladas à historicidade da Bíblia, por meio das teses monogenistas (a origem única a partir de Adão e da descendência de Noé) e poligenista (a humanidade como produtos de vários atos de criação ocorridos em diferentes lugares) – esta última, evidentemente herética. Talvez a primeira diferença a chamar a atenção foi a cor da pele, inicialmente atribuída à maior ou à menor intensidade da luz solar e, no século XVIII, transformada num dos primeiros critérios classificatórios das hierarquias raciais produzidas pela ciência. (SEYFERTH, 2002, p. 20).

Colocando também em discussão as ideias trazidas pela autora, sobre a questão de raças, a mesma aponta que a ideia de igualdade presente no iluminismo foi substituída pela ideia de raça, num contexto em que raça não dá lugar à desigualdade, mas é a desigualdade que dá lugar à raça – isto é, as diferenças sociais originaram a ideia de hierarquização racial, conforme observação de Silva e Tobias (2016).

Sob esse olhar Seyferth (2002) aponta que:

Quando pessoas brancas se voltam para o racismo, tendem a vê-lo como um problema de negros e não como um problema que envolve que envolve a todos. Assim, brancos podem ver o trabalho anti-racista como um ato de compaixão pelo o outro, um projeto esporádico, externo, opcional, pouco ligados às suas próprias vidas, e não como um sistema que modela suas experiências diárias e seu sentido de identidade. (SEYFERTH, 2002, p. 49).

No artigo *Discriminação Social, Racial e de Gênero no Brasil*, a autora Cristian Baida Beccari, comenta sobre os estereótipos e que esses consistem em um atributo dirigido a determinadas pessoas e grupos, que funcionam como uma espécie de carimbo ou rótulo, que retrata um pré-julgamento. As pessoas rotuladas são sempre tratadas e vistas de acordo com o carimbo que recebem em detrimento de suas verdadeiras qualidades. (BECCARI, 2005).

Na dissertação de Mestrado defendida por Margarete da Rosa Viera, intitulada *Vozes de Ébano: Um Estudo das Representações Sociais sobre os Saberes Escolares de estudantes afrodescendentes na Educação de Jovens de Adultos do município de São José – Santa Catarina*, a autora aponta que:

As representações constitutivas a partir desta referência de identidade privilegiam na sua matriz os aspectos das raízes europeias que destacam a superioridade da população branca, em detrimento dos demais grupos que

compõem o cenário étnico/racial da sociedade brasileira. Assim ocorre o enaltecimento positivo das características marcadamente branco-eurocêntricas, com destaque consequente da ilustração de subserviência e desprestígio social a que está estigmatizada a população afrodescendente. (VIEIRA, 2009, p. 26).

A autora ainda afirma que tal compreensão histórica do ponto de vista como estão estruturados os saberes escolares, acontecem pejorativamente sobre quem é o afrodescendente, sobre sua história e sobre como deve se autoperceber e ser percebido.

Vieira (2009), ainda trata em seu texto sobre os estereótipos.

Os estereótipos, por sua vez, são construções cognitivas nas quais os indivíduos que pertencem a um determinado grupo apreendem a simbologia que envolve a estereotipia e reproduzem-na ao longo da história. Com isso, mantêm-se as diferenças identitárias entre os grupos e isso significa dizer que a consolidação de uma imagem estereotipada depende fundamentalmente de um consenso de opinião dos indivíduos que constituem um grupo. (VIEIRA, 2009, p. 42).

Como metodologia de investigação será utilizada a pesquisa qualitativa, a fim de analisar os estereótipos, o preconceito e as representações que as imagens e textos trazem sobre o negro. Sobre esse tipo de pesquisa, a autora Minayo (2001), discorre que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p.22).

Assim, para a seleção desse trabalho buscamos analisar livros recomendados pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC, que estivessem sendo utilizados e manuseados pelos alunos, no contexto de sala de aula das escolas municipais. Seguindo esses dois critérios, procedemos à escolha de duas coleções que são utilizadas por escolas distintas. A primeira coleção foi a Projeto BURITI História (2014), produzido por Lucimara Regina de Souza Vasconcelos e a segunda coleção escolhida foi o Projeto COOPERA História (2014), produzido por Elian Alabi Lucci e Anselmo Lazaro Branco.

Assim, essa pesquisa está dividida em quatro seções e considerações finais, aborda o que tem sido escrito a respeito dos africanos e afrodescendentes nos livros didáticos, após a Lei 10.639/2003. A terceira seção serão analisados textos e imagens nos livros didáticos produzidos após a Lei 10.639/2003 e veiculados nas escolas.

1 O QUE TEM SIDO ESCRITO A RESPEITO DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS, APÓS A LEI 10.639/2003

Nesta seção buscamos apresentar alguns indícios do que tem sido pesquisado sobre a presença dos estudos africanos e afro-brasileiros nos livros didáticos, após a promulgação da Lei 10.639/2003 de 9 de janeiro de 2003.

Quando se pensa no tratamento da questão africana e afro-brasileira no contexto da sala de aula, mais especificamente nos livros didáticos deve-se levar em consideração que o ensino necessita abranger e valorizar a pluralidade cultural, permitindo a participação crítica do aluno e uma melhor contribuição em sua formação cidadã. Canen (2002), ao expor sobre pluralidade cultural, mostra que ela é procedente de muitas sociedades, sendo necessário reconhecer o seu caráter multicultural, o qual leva-se a constatação da pluralidade de identidades culturais que tomam parte na constituição histórico-social da cidadania, nas mais diversas realidades.

O documento Contribuições para Implementação da lei 10.639/2003 criado pelo Grupo Trabalhista Interministerial MEC/ MJ/ SEPRIR nº 605 de 20 de maio de 2008, afirma que no Brasil, a história da população negra é vista por sua condição escrava. Mais do que isso, na literatura sobre escravidão, permaneceu um olhar que insistiu em limitar os negros, inicialmente, no setor econômico como mercadorias e, depois, no campo da cultura, como extravagantes, e na esfera política, como pessoas sem capacidades de organização.

O mesmo documento ainda discorre que as questões percorrem desde a imagem presente nos livros didáticos, passando pelos termos pejorativos usados nos textos. Os questionamentos se aplicam à necessidade de mudança radical na estrutura curricular dos cursos em todos os níveis, modalidades e etapas do ensino que desconsideram ou excluem a participação africana e afro-brasileira na construção do conhecimento.

Assim, em 2003 com o crescimento do debate sobre a necessidade de mudanças em âmbito nacional foi alterada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) com a sanção da conhecida Lei 10.639, que determinou os seguintes artigos:

Art. 26 – A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1ª – O Conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2ª – Os Conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”. (BRASIL, 2003).

O documento “Contribuições para Implementação da Lei 10.639/2003 alega que:

A Lei n. 10.639/2003 pode ser considerada um ponto de chegada de uma luta histórica da população negra para se ver retratada com o mesmo valor dos outros povos que para aqui vieram, e um ponto de partida para uma mudança social. Na política educacional, a implementação da Lei n. 10.639/2003 significa ruptura profunda com um tipo de postura pedagógica que não reconhece as diferenças resultantes do nosso processo de formação nacional. Para além do impacto positivo junto à população negra, essa lei deve ser encarada como desafio fundamental do conjunto das políticas que visam a melhoria da qualidade da educação brasileira para todos e todas. (Grupo Trabalhista Interministerial MEC/ MJ/ SEPRIR 2008, p.10)

Há pouco mais de 14 anos, a Lei 10.639 foi criada com o objetivo de levar para as salas de aula mais conhecimento sobre a cultura afro-brasileira e africana do que a escravidão negra no Brasil. Propondo novas diretrizes para valorizar e ressaltar a presença africana na sociedade, além de ser um instrumento contra a discriminação e o preconceito racial, a Lei ainda não é cumprida em todas as escolas.

Frente a tais constatações, nas linhas que seguem vamos trazer algumas pesquisas sobre o que tem sido veiculado a respeito da questão afro-brasileira e africana nos livros didáticos, após a promulgação da Lei 10.639/03.

Nossa intenção não é fazer uma varredura de todas as pesquisas publicadas no Brasil, mas apenas trazer indícios de como tem sido tratado o tema.

O primeiro texto analisado foi escrito por Rubia Caroline Janz (2014), cujo nome é Dez anos da Lei 10.639/03: o que mudou nos livros didáticos de História? – Uma proposta de análise.

Sendo assim, a autora discorre sobre a aplicabilidade da Lei e, por consequência, a inserção de temas relacionados à cultura e história afro-brasileira e africana no ensino de história, onde os livros didáticos são um objeto riquíssimo para tentar analisar se de fato a Lei já conseguiu efetivar, da maneira desejada, as mudanças a que se propõe. Entendemos que eles têm um papel fundamental na formação de identidades e na construção de representações acerca do outro, além de ser uma ferramenta muito importante e praticamente indispensável a professores e alunos no ensino da História.

A autora embasou sua pesquisa em alguns autores, mas deu ênfase ao historiador francês Roger Chartier que fala sobre representação: “Analisar as representações, por um lado, como incorporação sob forma de categorias mentais das classificações da própria organização social, e por outro, como matrizes que constituem o próprio mundo social, na medida em que comandam atos, definem identidades”. (CHARTIER apud JANZ, 2014, p.7).

Janz (2014) descreve que não se pode esquecer também que o livro didático não apenas é um recurso pedagógico, mas uma mercadoria, e como tal, atende aos interesses de determinados grupos sociais, que desejam perpetuar identidades, valores, cultura, etc.

Os livros didáticos trazem textos e ilustrações que transmitem estereótipos e valores de grupos dominantes, generalizando temas como família, criança e etnia, de acordo com o padrão da sociedade branca burguesa. No mais, o livro didático faz parte das principais fontes de estudo do aluno, no qual estão os conhecimentos acadêmicos.

Nesse sentido, discutir sobre livro didático é refletir sobre o veículo mediador entre conhecimento acadêmico e conhecimento escolar, onde engloba diversos saberes em um só instrumento.

Na dissertação de Suely dos Santos Souza, cujo título é: O Livro Didático e as Influências Ideológicas das Imagens: Por uma educação que contemple a diversidade social e cultural, a autora discorre sobre as contribuições dos textos e também das imagens nos livros didáticos para o processo de aprendizagem, colocando que o livro didático é um instrumento de grande valia para a trajetória do trabalho pedagógico, por ser utilizado de maneira sistemática pelo professor e amplamente seguido como elemento básico na organização do trabalho pedagógico.

A autora alega sobre as imagens que:

As imagens são instrumentos portadores de concepções e valores característicos do entendimento de mundo de seu autor e, conseqüentemente, do meio em que o mesmo está inserido e que influenciou na sua construção acerca do outro. Por esse motivo torna-se relevante o estudo de ideologias presentes em imagens a fim de problematizá-las em seu contexto de origem, sua transposição e sua função de representatividade sociocultural. (SOUZA 2014, p.17).

Souza (2014), destaca três preceitos históricos que norteiam o surgimento de sua pesquisa que são o racismo, a discriminação, o preconceito além dos estereótipos existentes nas imagens e textos dos livros didáticos.

Outro aspecto que há em seu texto é o de ideologia dominante, onde a formação está voltada para o educar para a submissão e para o trabalho. Assim, percebe-se o dualismo na

educação, ainda, e talvez muito mais distinto, quando se constata a educação direcionada à classe trabalhadora, técnica, direcionada para o mercado, e a educação que preza pela intelectualidade para os que governam.

Segundo Souza (2014)

[...] na sociedade capitalista, a educação torna-se o principal instrumento para a propagação de ideias e continuação da estrutura que se impõe, garantindo os instrumentos necessários, a exemplo do livro didático, para a reprodução de valores e de concepções. Desde que educar é entendido como produção e transmissão de conhecimentos e ideias para formar hábitos e atitudes, o ato educativo pode, então, contribuir decisivamente para conservar ou transformar a realidade. (SOUZA,2014, p.62).

Através do disposto podemos observar que os livros trazem valores que representam apenas a classe burguesa, deixando de lado a verdadeira essência do nosso povo. Nas palavras de Souza (2014),

A educação deve, então, garantir que os sujeitos não fiquem perdidos na complexidade, mas que sejam capazes de interagir e atuar em um processo de inclusão de todos os indivíduos, tendo o compromisso de propiciar a aquisição de saberes, competências e habilidades essenciais para a formação de sujeitos reflexivos, cidadãos atuantes e autônomos com vistas à preparação para responder as demandas dessa sociedade. (SOUZA, 2014, p. 72).

Os Livros didáticos devem trazer textos simples de fácil entendimento e imagens coerentes a realidade do indivíduo, trazendo veracidade em seus conteúdos, mostrando a pluralidade para que haja uma educação intercultural afim de comunicar com toda população que a ele tenha acesso.

3 A PESQUISA SOBRE OS AFRODESCENDENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS APÓS A LEI 10.639/2003

Essa pesquisa se concentrou na análise de livros didáticos destinados ao 4º ano do ensino fundamental e utilizados em escolas do município de Morrinhos-Go. Assim, o primeiro livro avaliado foi Projeto Buriti de História e o segundo Projeto Coopera de História.

Segundo o guia de livros didáticos a organização dos conteúdos das coleções do 4º ano se dividem da seguinte forma: O Lugar Onde Você Vive; O Trabalho no seu Município e no seu Estado; O Cotidiano nas Cidades; Organização e Participação Política; Histórias do seu Estado e de Cidades; Diversidade Cultural; Os Povos Indígenas e Afrodescendentes; Portugueses; O Continente Africano; Cultura, brinquedos, festas e família; Regras; Primeiros Habitantes; O Comércio de Gentes; Migrações; Terra para Viver; História da Rua; História do Bairro; Diversidade da Sociedade Brasileira; Imigrantes; Navegações; Povos que Vieram da África; Colonização; Açúcar, Vaqueiro, Pecuária, Vilas e Cidades; Bandeirantes; Tropeiros; Encontro entre Portugueses e Indígenas; Capitânias; Ouro; Tradições; Independência; Primeiro Reinado.

Além disso, no conjunto das coleções, o Guia (2016) descreve que houve avanços em relação à abordagem de algumas temáticas e também permanências de algumas limitações que ainda necessitam de abordagens mais adequadas.

Nesse sentido, o Guia (2016), discorre que o ensino da História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena, que tem sido objeto de substanciais pesquisas e reflexões ao longo dos últimos dez anos, permanece entre os temas que apresentam alguns avanços, mas que ainda necessita de abordagens que correspondam aos resultados desses estudos historiográficos.

Nas obras vistas, percebeu-se que o tratamento das contribuições culturais dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas tem extrapolado as abordagens pitorescas e folclóricas, passando a explorar diferentes aspectos socioculturais de forma contextualizada, tais como infância, brincadeiras, família, escola, alimentação, moradia, ritos, mitos em diferentes espaços, no passado e no presente. No mais, persistem abordagens que reforçam a relação dos povos africanos e afrodescendentes com o passado escravista e que conferem pouca ênfase à presença desses sujeitos em variados momentos da história brasileira. (GUIA, 2016).

O Guia (2016), também relata que o protagonismo é predominantemente, evidenciado por meio da abordagem das práticas de resistência à escravidão, como os quilombos do período colonial e os movimentos contemporâneos dos grupos remanescentes. As referências ao dia da Consciência Negra são recorrentes.

Sobre as ilustrações o Guia (2016), coloca que algumas ilustrações mostram positivamente a população afrodescendente em variados contextos, representando pessoas negras de diferentes idades, gênero e condições sociais.

Portanto, esses estudos tem sido timidamente inseridos nas obras didáticas de História, já que persistem abordagens que reforçam a relação dos povos africanos e afrodescendentes com o passado escravista e que conferem pouca ênfase à presença desses sujeitos em variados momentos da história brasileira, em especial no tratamento de suas experiências na contemporaneidade. (GUIA, 2016).

No que se refere a obra do Projeto Buriti de História, de autoria de Lucimara Regina de Souza Vasconcelos, para o público do 4º ano, o Guia Didático (2016) relata que a coleção privilegia a abordagem cronológica e linear da História do Brasil. O volume do 4º ano desenvolve-se a partir de aspectos da América portuguesa, das grandes navegações do século XVI e da formação dos espaços coloniais.

O Guia (2016), também sinaliza que na construção da formação cidadã, destaca-se a seção: O mundo que queremos, em que se promovem a leitura e a reflexão de textos. Aborda-se a diversidade cultural da sociedade, valorizam-se e respeitam-se as diferenças, além de conter elementos sobre a preservação do meio ambiente e questões relativas à sustentabilidade. Tanto as atividades como os textos estimulam o debate sobre temas pertinentes à construção de uma sociedade democrática, tolerante e plural.

O Guia (2016) indica que as imagens retratam a diversidade étnica, a pluralidade social e cultural do país e contribuem para sua visibilidade, além de incentivarem o convívio social e atitudes de respeito.

O documento também discorre que em termos da formação cidadã, na obra investe-se no combate à discriminação e intolerância. Destaca-se, nesse aspecto, a abordagem da história e cultura indígenas e dos afrodescendentes, que busca valorizar sua diversidade cultural e resistência aos processos de dominação e contribuição para a formação da sociedade brasileira.

O outro livro didático que o Guia (2016) citou e que também escolhemos para analisar é o projeto Coopera de História (2016), ensino fundamental anos iniciais, de Elian AlabiLucci e Anselmo Lazaro Branco.

A coleção com volumes para o 4º e 5º anos, apresenta a História do Brasil em uma perspectiva cronológica, abordando acontecimentos que vão desde a chegada dos portugueses até o século XXI, privilegiando acontecimentos importantes para compreensão da história política e social do país. Duas seções merecem destaque: a primeira apresenta exercícios

organizados para avaliar o desenvolvimento da compreensão histórica dos alunos e a segunda aborda temáticas transversais, ampliando o tema desenvolvido nas unidades.

Sobre a formação cidadã, destaca-se na obra a promoção do respeito à pluralidade cultural do Brasil, com relevância para temáticas relacionadas à importância da cultura afrodescendente e indígena, e às questões de gênero. Os conteúdos históricos dialogam com questões do presente e possibilitam o desenvolvimento de uma postura crítica dos alunos ante o contexto social no qual estão inseridos.

O Guia (2016) sinaliza que a História da África e dos afrodescendentes também é apresentada a partir de determinados temas como: As grandes navegações, O cultivo da cana-de-açúcar e o tráfico negreiro e O processo que levou ao fim da escravização de negros. O continente africano é representado na coleção para contextualizar as Grandes Navegações e, mais adiante, para localizar de onde os africanos escravizados eram trazidos.

Segundo o Guia (2016), as imagens que representam esses povos permitem problematizar a presença indígena e afrodescendente em diferentes espaços e tempos. Elementos da cultura indígena e afro-brasileira são valorizados na obra a partir da apresentação da diversidade religiosa desses povos, sua culinária e as formas de resistência contra a escravidão, inclusive a feminina.

Partindo desses pressupostos esclarecidos no Guia do Livro Didático (2016), caminharemos para a análise dos dois livros didáticos selecionados.

Seguiremos a ordem do Guia do Livro Didático e o primeiro livro a ser analisado é Projeto Buriti História, manual do professor do Ensino Fundamental Anos Iniciais, 4º ano.

3.1 Projeto Buriti História para quarta série

Inicia-se a análise pelo sumário, observando que a história africana é mostrada em alguns capítulos distintos. O sumário (Figuras 1 e 2) apresenta na unidade 3: Os povos que vieram da África, com tais temas: Tema 1- Diferentes povos no continente africano; Tema 2: A ação dos europeus na África; Tema 3 – Arte e Cultura.

Para além do capítulo destinado ao estudo da África e dos Afro-brasileiros, o livro didático traz, na página 64, a unidade 5: A produção do açúcar.

Figura 1 Sumário do Livro Didático Projeto Buriti HISTÓRIA

Sumário	
UNIDADE 1	A aventura de navegar 8
TEMA 1. Produtos valiosos	10
TEMA 2. Navegar em busca de riquezas	12
TEMA 3. Viagens espanholas	14
TEMA 4. Viagens portuguesas	16
▶ Ampliação: <i>O dia a dia dos marinheiros</i>	18
▶ O que você aprendeu	20
UNIDADE 2	Os povos indígenas do Brasil 22
TEMA 1. Os habitantes do Brasil	24
TEMA 2. O modo de vida	26
TEMA 3. Lendas e mitos indígenas	28
▶ Ampliação: <i>Os povos indígenas: em luta para sobreviver</i>	30
▶ O que você aprendeu	32
▶ O mundo que queremos: <i>A cidade grande vista por um indígena</i>	34
UNIDADE 3	Os povos que vieram da África 36
TEMA 1. Diferentes povos no continente africano	38
TEMA 2. A ação dos europeus na África	40
TEMA 3. Arte e cultura	42
▶ Ampliação: <i>Patrimônios do povo Axânti</i>	44
▶ O que você aprendeu	46
▶ Para ler e escrever melhor: <i>Uma receita com inhame</i>	48
UNIDADE 4	O início da colonização portuguesa na América 50
TEMA 1. Portugueses e indígenas: os primeiros contatos	52
TEMA 2. Extrair riquezas	54
TEMA 3. A administração da colônia	56
▶ Ampliação: <i>A fundação da cidade de Salvador</i>	58
▶ O que você aprendeu	60
▶ Para ler e escrever melhor: <i>As características das moradias indígenas</i>	62

Fonte: (VASCONCELOS, 2014)

Figura 2 Sumário do Livro Didático Projeto Buriti HISTÓRIA

UNIDADE 5	A produção do açúcar 64
TEMA 1. Os engenhos	66
TEMA 2. Formas de resistência à escravidão	68
TEMA 3. Os holandeses no Brasil	70
▶ Ampliação: <i>A vida das mulheres na colônia</i>	72
▶ O que você aprendeu	74
▶ O mundo que queremos: <i>Comunidades quilombolas</i>	76
UNIDADE 6	O vaqueiro e a pecuária 78
TEMA 1. A pecuária e a ocupação da atual Região Nordeste	80
TEMA 2. A ocupação da terra e os conflitos	82
TEMA 3. O vaqueiro e a criação de gado	84
▶ Ampliação: <i>A festa do bumba meu boi</i>	86
▶ O que você aprendeu	88
UNIDADE 7	Vilas e cidades no Brasil colonial 90
TEMA 1. Os colonos e a fundação das vilas	92
TEMA 2. Vilas coloniais: administração e cotidiano	94
TEMA 3. Franceses no Brasil	96
▶ Ampliação: <i>O registro do número de habitantes</i>	98
▶ O que você aprendeu	100
▶ O mundo que queremos: <i>Abastecimento de água e coleta de esgoto</i>	102
UNIDADE 8	O bandeirante e a busca por riquezas 104
TEMA 1. Em direção ao interior	106
TEMA 2. Os indígenas e as bandeiras	108
TEMA 3. O cotidiano das bandeiras	110
▶ Ampliação: <i>Bandeirantes: heróis ou bandidos?</i>	112
▶ O que você aprendeu	114
UNIDADE 9	Os tropeiros e a ocupação do sul 116
TEMA 1. O início da colonização rio sul	118
TEMA 2. O tropeiro: trabalho e desafios	120
TEMA 3. Percorrendo o território	122
▶ Ampliação: <i>A feira de Sorocaba</i>	124
▶ O que você aprendeu	126
▶ Para ler e escrever melhor: <i>Os condutores da tropa</i>	128
Sugestões de leitura	130
Glossário	133
Referências bibliográficas	135

Fonte: (VASCONCELOS, 2014)

Partiremos para a análise do que foi citado acima no sumário. Basicamente o autor do livro usou apenas uma unidade, dividida em 3 temas que mostra a imagem do negro, porém não há passagens da história do negro como sua cultura e contribuições para o país.

Na página 39, a ilustração 3 representa o que poderia ter sido uma comunidade Yorubá há cerca de 400 anos.

Figura 3 - Representação do que poderia ter sido uma comunidade Yorubá



Ilustração representando o que poderia ter sido uma comunidade Yorubá há cerca de 400 anos.
Fonte: *De Stadt Benin*, água-forte e aquarela de autoria desconhecida, século XVII.

Fonte: (VASCONCELOS, 2014, p. 39)

Essa imagem retrata o que seria uma comunidade habitada por negros no século XVII, há cerca de 400 anos atrás. Como continuidade da imagem, o livro insere um texto com conteúdo sem explicações coerentes. Falam de tribos que ficam localizadas na África, sendo que crianças com aproximadamente 9 anos não tem dimensão do seu próprio país.

No tema 2: A ação dos europeus: A escravidão antes e depois dos europeus, o autor destaca que a escravidão na África se intensificou-se depois da chegada dos europeus. O texto discorre que:

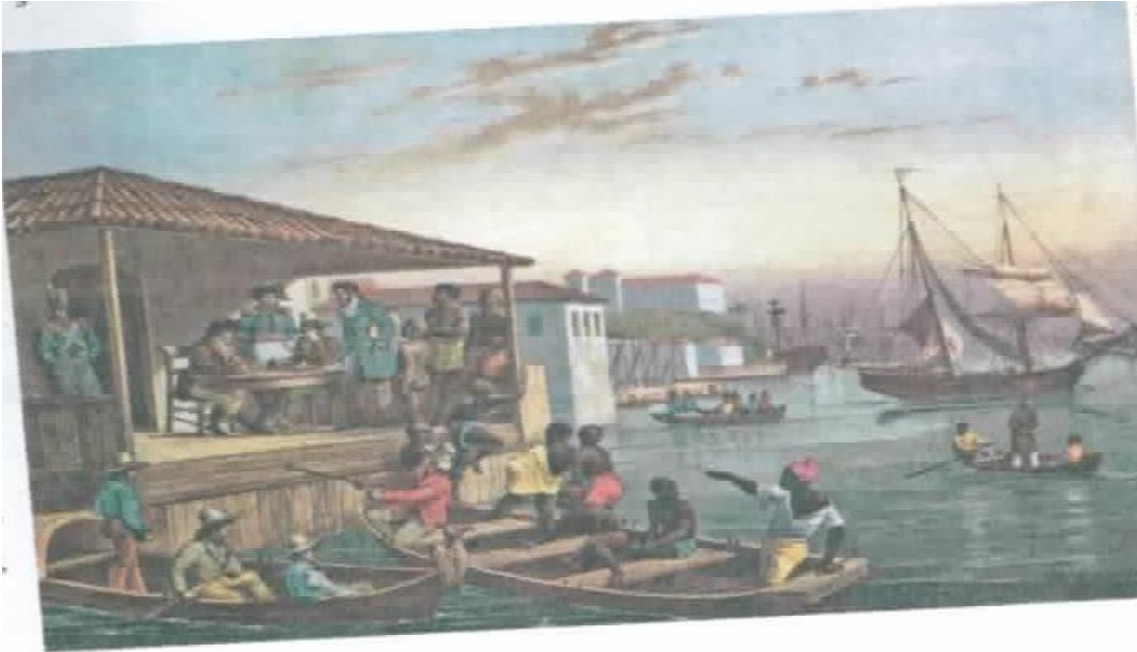
Na maioria das vezes, uma pessoa poderia tornar-se escrava ao ser capturada como prisioneira durante uma guerra, ao cometer um crime. A compra e a venda de escravos, porém, não eram frequentes. A chegada dos europeus modificou a prática da escravidão na África, transformando-a em uma atividade comercial. (VASCONCELOS, 2014, p. 40).

Os comerciantes perceberam que o comércio de escravos era lucrativo e a partir disso começaram a comercializa-los. Vasconcelos (2014), descreve que como o comércio de escravos

era uma atividade muito lucrativa, comerciantes africanos e portugueses passaram a capturar pessoas para serem vendidas como escravas. (VASCONCELOS, 2014).

No próximo subtítulo, ainda na mesma página, intitulado: Os africanos embarcaram com destino à América, a figura 4 mostra a imagem de como acontecia esse embarque nos navios negreiros em direção à América.

Figura 4 - Embarque dos navios negreiros



Fonte: (VASCONCELOS, 2014, p. 40).

Muito embora a figura mostre a retirada dos negros de seu habitat natural para serem transportados para outro local, a mesma não pode ser colocada como uma imagem de fácil compreensão, pois não há qualquer descrição ou legenda que qualifique o comércio e a escravidão desse povo.

O próximo assunto a ser analisado é o tema Arte e cultura, nesse tema o autor descreve através de pequenos textos sobre a cultura material, a arte, a tradição oral e os griots.

No primeiro subtítulo, Vasconcelos (2014), traz a cultura material dos africanos, discorrendo sobre a forma que os arqueólogos estudam os povos antigos da África. Eles analisam as ruínas de moradias, de pinturas em cavernas e de objetos encontrados próximos a elas. O texto também mostra que na cultura material, os conjuntos de utensílios feitos de madeira, de ossos de animais, de pedra, de ferro e de cerâmica, produzidos e utilizados pelos povos antigos é uma forma de cultura.

Nesse subtítulo não há nenhuma imagem que exemplifique esses fatos decorridos, como uma colher de madeira, um espeto de ferro ou uma panela de barro para melhor entendimento do aluno.

No segundo subtítulo, o autor fala sobre a Arte, voltando a falar da cultura material, Assim, “os objetivos da arte, como as máscaras, os painéis de ferro e as culturas que retratam cenas cotidianas são exemplos de cultura material. Eles representam o pensamento, o desenvolvimento tecnológico e os valores de determinadas sociedades africanas”. (VASCONCELOS, 2014, p. 42).

O autor poderia ter usado exemplos diferenciados sobre a arte, esse texto ficou uma continuação do anterior quando se tratava de cultura material. A imagem mostra uma das artes criadas pelos africanos que é a imagem de uma escultura representando líder guerreiro da Nigéria.

O terceiro e último subtítulo: A tradição oral e os griots, é a que mais fala sobre o povo africano. A autora discorre em um texto sobre costumes, crenças entre outras contribuições que o povo africano oferece para a população.

O texto vem dizendo que os povos da África transmitem seus conhecimentos de uma geração para outra, por meio da oralidade e que os mais velhos são símbolos de respeito na comunidade, pois, preservam a memória das aldeias ficando conhecidos como griots, que significa contadores de histórias. Em seguida Vasconcelos (2014), usa mais dois parágrafos para tratar o assunto:

Essas pessoas são responsáveis por manter vivas as histórias, as lendas e os mitos de sua comunidade. Essas histórias explicam suas origens, os acontecimentos do cotidiano e os fenômenos da natureza. De acordo com essas lendas e mitos, a maioria das situações vividas é explicada e resolvida por meio de forças sobrenaturais, fora do alcance de pessoas comuns. Nas comunidades, é o sacerdote que cuida de todas as relações entre os seres vivos e o mundo dos mortos. (VASCONCELOS, 2014, p. 42).

Esse tema trata da essência dos povos da África, mostrando que a oralidade e a memória são elementos centrais para a história africana para mostrar seus valores e crenças a qual é perpetuada por meio da narrativa dos fatos e acontecimentos passados de geração a geração.

3.2 Projeto Coopera: uma análise de textos e imagens no 4º ano.

No livro didático Projeto Coopera para a quarta série, os autores distribuem os conteúdos a serem estudados em quatro unidades temáticas. Estas unidades são subdivididas em temas, como indicado no sumário. (Ilustração 3.5)

Figura 5 - Sumário do Livro Projeto Coopera

SUMÁRIO	
UNIDADE 1: PINDORAMA: TERRA DAS PALMEIRAS 7	
Começo de conversa.....	8
As Grandes Navegações.....	9
O oceano terminava num abismo.....	9
... mas navegar era muito importante.....	9
Navegando pelo Mar Tenebroso.....	11
Ler e compreender	13
Contornando a África.....	14
Quando a América entrou no mapa.....	14
A chegada a Pindorama.....	16
Uma linha dividia Pindorama.....	17
Ler e compreender	18
Registros históricos.....	19
O encontro entre indígenas e portugueses.....	21
Ampliar horizontes	22
A ocupação do Brasil.....	24
A exploração do pau-brasil.....	24
Ler e compreender	25
O escambo.....	26
A divisão das terras em capitanias.....	27
As dificuldades dos donatários.....	28
Ler e compreender	29
Habilidades em foco.....	32
Mundo plural: As especiarias no passado e no presente.....	34
Sugestões.....	36
UNIDADE 2: NO TEMPO DOS ENGENHOS 37	
Começo de conversa.....	38
Açúcar: a nova fonte de lucros.....	39
O fracasso em São Vicente.....	39
O tráfico de escravizados.....	40
Como os africanos eram escravizados?.....	41
De onde eles vinham?.....	41
Para onde iam?.....	42
A vida dos escravizados.....	43
O trabalho.....	43
Ler e compreender	45
Os raros dias de folga.....	46
Ampliar horizontes	47
Feitores e capitães do mato.....	49
A resistência à escravidão: os quilombos.....	49
Registros históricos.....	51
Ler e compreender	53
Outros europeus em Pindorama.....	55
Invasões francesas.....	55
Invasões holandesas.....	56
Ler e compreender	57
Habilidades em foco.....	60
Mundo plural: A capoeira conquista o mundo.....	62
Sugestões.....	64
UNIDADE 3: OURO NO SERTÃO 65	
Começo de conversa.....	66
De São Vicente ao planalto.....	67
Os jesuítas e as missões.....	68
A fundação da vila de São Paulo de Piratininga.....	69
A vida na vila de São Paulo de Piratininga.....	70
Expedições para o Sertão.....	71
A escravização dos indígenas e a destruição das missões.....	73
Ler e compreender	75
O ouro, enfim!.....	76
Uma luta pelo direito de explorar.....	77
Organização e formas de exploração.....	77
Registros históricos	78
O trabalho nas minas.....	80
O trabalho nas vilas e nas estradas.....	81
O abastecimento das minas.....	83
A gente mineira.....	84
Ampliar horizontes	86
Habilidades em foco.....	90
Mundo plural: Brilho valioso.....	92
Sugestões.....	94
UNIDADE 4: OS CAMINHOS DA INDEPENDÊNCIA 95	
Começo de conversa.....	96
Uma conspiração nas Minas Gerais.....	97
O controle do ouro e o quinto.....	97
A Conjuração Mineira.....	99
A família real no Brasil.....	100
A abertura dos portos.....	101
Registros históricos	103
Mudanças na nova sede do governo português.....	104
Ler e compreender	106
Ampliar horizontes	109
Saneamento básico e moradia em 1808.....	110
Uma revolução em Portugal.....	112
Ler e compreender	113
A Independência do Brasil.....	114
Registros históricos	115
O Primeiro Reinado.....	117
As Guerras de Independência.....	117
A Constituição de 1824.....	118
A Confederação do Equador.....	119
A perda da Cisplatina.....	119
A abdicação.....	119
Ampliar horizontes	120
Sugestões.....	123
Habilidades em foco.....	124
Mundo plural: Mulheres em destaque.....	126
Referências bibliográficas.....	128
Manual do Professor - Orientações Didáticas.....	129

Fonte: (LUCCI; BRANCO, 2014, p 6).

Na unidade 1, com o título Pindorama: Terra das Palmeiras 7, no subtítulo: As grandes navegações (Contornando a África), refere-se ao povo africano de forma sucinta. Para além do primeiro capítulo, mais nove páginas do livro destinadas à história da África. Na unidade 2: No tempo dos engenhos, nos seguintes subtítulos: O tráfico de escravizados; A vida dos escravizados; Mundo plural: A capoeira conquista o mundo.

O livro contém 129 páginas, dedicadas somente ao ensino de história, o que traz certo desapontamento quando se observa que, de quatro unidades presentes, apenas nove páginas tratam superficialmente sobre a história do negro. Destacamos que a obra selecionada é veiculada nas escolas municipais do município de Morrinhos-Go, o que nos leva a perceber que o conhecimento transmitido sobre os africanos e afrodescendentes não favorece, de forma mais esclarecedora, a construção da identidade, da cidadania e do respeito pelas diferenças.

Iniciando a análise do livro Cooper, na unidade 1: Pindorama: Terra das Palmeiras, com o tema: Contornando a África, há um pequeno texto de apenas 7 linhas que discorre que os portugueses navegavam pelo oceano Atlântico, principalmente ao longo da costa ocidental da África e que adquiriam ouro, marfim, e também escravos, que eram o que davam mais lucros. Nesse percurso, os portugueses foram criando feitorias e conquistando colônias no continente africano.

Na unidade 2: No tempo dos engenhos, dividiu-se em tópicos para anunciar a unidade: Saber o que era um engenho de açúcar; Compreender como era o tráfico e a vida dos escravizados; Identificar aspectos culturais dos escravizados; Compreender os quilombos como espaços organizados de resistência; Conhecer africanos, mulheres africanas e afrodescendentes de destaque; Aprender sobre as invasões de outros europeus em Pindorama. Há também uma imagem sobre o engenho.

Figura 6 - Engenho de Frans Post, 1660. Óleo sobre a tela. Museu Nacional de Arte, Copenhague, Dinamarca



Engenho, de Frans Post, 1660. Óleo sobre tela. Museu Nacional de Arte, Copenhague, Dinamarca.

Fonte: (LUCCI; BRANCO, 2014, p.37).

A imagem mostra os negros trabalhando no engenho, com alguns feitores vigiando o serviço. A casa grande e a capela ficam afastadas do engenho. Percebe-se que alguns negros são obrigados a trabalhar sendo puxados por seus donos.

O próximo subtítulo cujo nome é O tráfico dos escravizados, os autores usaram algumas linhas para falar como ocorria o tráfico negreiro no Brasil:

No Brasil, com o desenvolvimento da cana-de-açúcar, os portugueses tinham necessidade de muita mão de obra. Os investimentos para instalar um engenho eram muito altos, Portanto os portugueses utilizaram mão de obra de escravizados. Inicialmente escravizaram os indígenas. Porém, em função dos lucros obtidos no comércio de africanos escravizados, a mão de obra indígena foi sendo substituída pela africana. (LUCCI; BRANCO, 2014, p.40).

Como podemos notar, o negro é tratado como submisso, sempre sendo escravizado. Segundo Janz (2014), os livros didáticos trazem textos e ilustrações que transmitem estereótipos e valores de grupos dominantes, generalizando temas como, família, criança, etnia, de acordo com o padrão da sociedade branca burguesa.

Outra imagem que nos chama a atenção mostra o transporte dos africanos escravizados. Essa imagem é uma das mais antigas utilizadas nos livros didáticos, assim toda geração de estudantes já tiveram a oportunidade de analisa-la. O romance intitulado O escravo: da África para a senzala, de Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho (2017) retrata com detalhes o que essa imagem traz.

A história contada pela autora fala de um negro que vivia tranquilamente com sua família quando foi capturado por homens brancos, ele e outros foram colocados em um navio, sem a mínima condição de higiene. Muitos adoeciam e morriam, quando isso acontecia o corpo era jogado ao mar. A comida e água eram regradas. Isso já demonstra o sofrimento que os africanos passaram.

Figura 7 - O tráfico de escravizados



Fonte: (LUCCI; BRANCO, 2014, p.37).

Para além disso, o livro traz mais dois subtítulos vinculados a essa imagem: Como os africanos eram escravizados? De onde eles vinham? Para onde iam? Na primeira pergunta, um pequeno texto foi colocado para respondê-la. Como os escravos eram escravizados? Milhares de pessoas passaram a ser escravizadas para serem vendidas, comercializadas, isso fez com que povos inteiros deixassem de existir. (LUCCI, BRANCO, 2014 p.41).

Referente a segunda pergunta, de onde eles vinham? A maioria eram sudaneses e bantos. Na terceira e última pergunta, para onde iam? Eram desembarcados nos mercados de escravizados, os traficantes davam alimentos para eles se recuperarem e vendiam por um preço mais valioso. Isso acontecia com mais frequência nos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia.

Vieira (2009), atribui que, os estereótipos por sua vez, são construções cognitivas nas quais os indivíduos que pertencem a um determinado grupo apreendem a simbologia que envolve a estereotipia e reproduzem-na ao longo da história. Deste modo, percebemos que esses textos estereotipados desclassificam os africanos e afro-brasileiros.

Outro tópico que o livro didático traz é A vida dos escravizados, com um subtítulo O trabalho. Junto a este texto foi inserida uma imagem para mostrar como de fato isso ocorria.

Figura 8 - O trabalho

Brasil colonial:
período que vai
de 1500 a 1822,
quando o Brasil foi
colônia de Portugal.

Detalhe de *Uma senhora de algumas posses em sua casa*, de Jean-Baptiste Debret, 1823. Aquarela sobre papel. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, Brasil.

Fonte: (LUCCI; BRANCO, 2014, p.43).

Mais uma imagem forte foi colocada nesse tema, onde os brancos podem ficar sentados em cadeiras, enquanto as escravas e seus filhos ficam sentados ao chão, como se fossem animais de estimação e estão ali apenas para servir à classe dominante.

Do que vimos até o presente momento no livro, é que este só trouxe o negro no tempo passado, com imagens que retratam o preconceito e estereótipos. A seguir o livro didático dedica algumas páginas com textos e imagens trazendo o negro dos dias atuais e suas contribuições para a população.

As imagens 9, 10 e 11 mostram a cultura africana através da música (a congada, a umbigada, o jongo, o maracatu, o samba, o afoxé e o lundu) e na dança, a capoeira representa o gingado criado por eles, executada nos momentos de folga, para aliviar o sofrimento que eles passavam. Outro fato também marcante da cultura é a religião, na qual hoje, muitos brasileiros seguem as tradições religiões trazidas pelos africanos.

Figura 9 - Dança africana



Fonte: (LUCCI; BRANCO, 2014, p.47).

A imagem mostra a dança do grupo folclórico Primeira Escola de Congo de São Benedito do Erê, de Tremembé, São Paulo, apresentando-se em São Luís do Paraitinga, São Paulo. Podemos notar que não são apenas negros que participam do evento, ocorrendo uma miscigenação entre os grupos étnicos.

As próximas imagens mostram as danças de jongo, apresentada pelo grupo Jongo de Piquete, no município de Piquete, São Paulo e a dança Maracatu do grupo Leão da Mata Norte, de Tracunhaném, no município de Nazaré da Mata, Pernambuco.

Figura 10 - Apresentações de Jongo (São Paulo e Maracatu (Pernambuco))



Fonte: (LUCCI; BRANCO, 2014, p.47).

Outro fato caracterizante da cultura africana no Brasil é a religião. Lucci e Branco (2014) relatam que:

Atualmente, milhões de brasileiros praticam religiões trazidas pelos africanos escravizados. Durante muito tempo, elas perseguidas e mesmo proibidas em alguns lugares do Brasil.

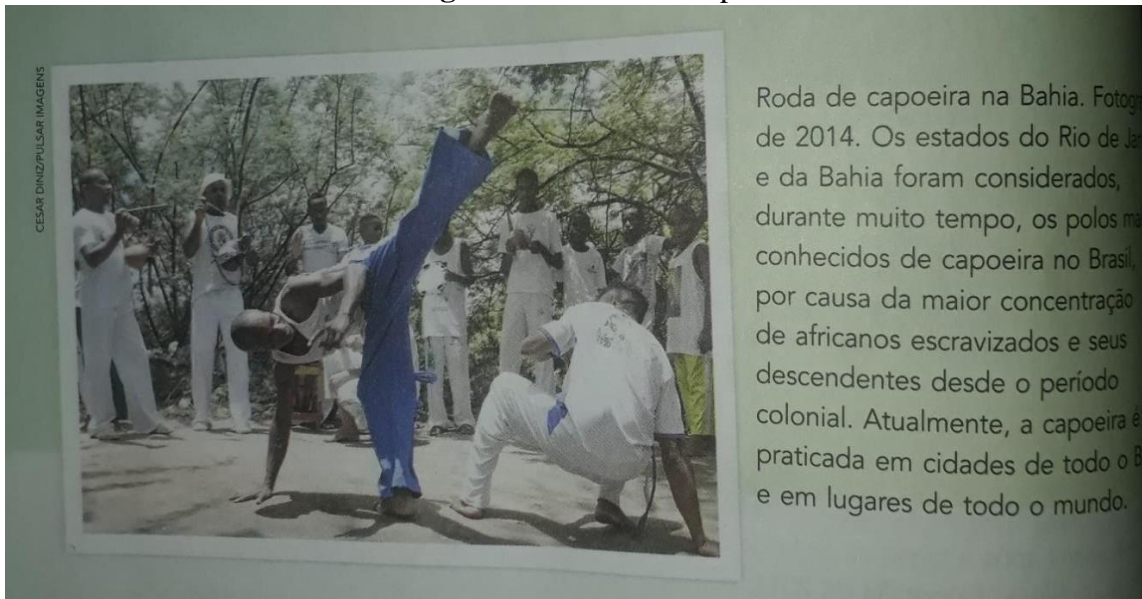
Os africanos buscaram manter suas tradições. Mas, em muitos casos, tiveram de aderir ao catolicismo, o que levou diversos grupos africanos a misturar as religiões africanas com o cristianismo europeu, aproximando algumas divindades religiosas africanas ligadas às forças da natureza ou a fatos cotidianos com personagens católicas. (LUCCI; BRANCO, 2014, p.48).

Isso nos faz refletir ainda mais sobre o desrespeito ao povo africano e suas origens, quando lhes tiravam até a opção de escolherem e exercerem sua própria religião.

Em um subtítulo Mundo plural, a capoeira é colocada como destaque, sendo retratado junto aos pequenos textos algumas imagens ilustrando essa dança.

Na imagem 12, podemos observar alguns movimentos dessa dança.

Figura 11 - Roda de Capoeira



Fonte: (LUCCI; BRANCO, 2014, p.62).

Com a análise destes dois livros vimos, que a história do povo africano é pouco trabalhada, tanto no tempo passado como no tempo presente. A maioria das imagens vinculadas sinalizam para um povo que viveu na escravidão e no desrespeito. Os textos, não mostram a história desses povos, a contribuição e valores dados na formação da população brasileira. O que percebemos, são estereótipos nas imagens desses povos, sendo tratados como inferiores e escravos, em um completo abandono por suas culturas e seus variados enfrentamentos pela vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho aqui desenvolvido, partimos da observação do livro didático de história de duas editoras distintas voltadas para o quarto ano do ensino fundamental para investigar como tem sido tratado a questão dos afrodescendentes em seus textos e imagens. Na presente pesquisa, propomos analisar o livro didático como um veículo de comunicação que contribui na sala de aula, como transmissor de conhecimento para os alunos, podendo ajudar na inclusão e na exclusão de um grupo de pessoas, através de seus conteúdos, imagens e representações.

Os livros didáticos Projeto Coopera e Projeto Buriti, foram produzidos em 2014, bem posterior a promulgação da Lei 10.639/2003, onde tornou-se obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Analisamos que mesmo depois da Lei, os autores ainda usam imagens antiquadas que revelam a reprodução do preconceito.

Lançando um olhar detalhado para as imagens notamos que os negros são trazidos na maioria das vezes como escravos e inferiores aos demais, expostos até mesmo a condição de animais de estimação. Os textos não valorizam a identidade dos negros, uma vez que pouco falam sobre suas culturas e as contribuições que deixaram na formação da sociedade brasileira.

Logo, tudo isso empobrece a diversidade cultural, viola a integridade de um povo e afeta negativamente sua dignidade e autoestima.

Diante disso, Muller (2012), relata que o livro didático faz parte do sistema escolar e que suas imagens são usadas para ilustrar ou contar as diferentes histórias ou apresentar conteúdos temáticos. Mas que ainda são usadas gravuras do século XIX de pintores antigos.

A mesma autora diz que “na maioria dos casos as imagens contradizem os princípios preconizados na Lei 10.639/03, pois não evitam a discriminação, além de reforçarem o preconceito”. (MULLER, 2012, p. 67).

Tendo em vista que os professores tem participação ativa na escolha dos livros didáticos, são atribuídos a eles analisar imagens e textos e se inteirar sobre a Lei para que possa mostrar aos seus alunos a valorização de cada grupo.

Concluimos esse trabalho com a certeza de que muito ainda deve ser feito para transformar de maneira positiva a imagem do negro no livro didático, mas na esperança de que, com a implementação da Lei 10.639/2003 e com a força dos movimentos sociais negros, seja possível ver mudanças nos livros didáticos incluindo os afrodescendentes e seus papéis relevantes na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABRELIVROS, Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares. **Livro didático: 75 anos de história.** Disponível em: < <http://www.abrelivros.org.br/home/index.php/pnld/5164-livro-didatico--75-anos-de-historia>>. Acesso em 18 ago. 2017.
- BECCARI, Cristina Baida. **Discriminação social, racial e de gênero no Brasil.** Abril 2005. Disponível em: <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1991/Discriminacao-social-racial-e-de-genero-no-Brasil> Acesso em 20 set. 2017.
- BRASIL. **Contribuições para Implementação da Lei 10.639/2003.** Grupo de Trabalho Interministerial, Instituído por Meio da Portaria Interministerial Mec/mj/seppir Nº 605 de 20 de Maio de 2008, Brasil, 2008. Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/contribuicoes_para_implementacao_da_lei.pdf. Acesso em: 24 set. de 2017.
- BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e indígena. República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em: 10 nov. 2017.
- BRASIL. **Lei Nº 12.519, de 10 de novembro de 2011.** Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12519.htm Acesso em: 10 de out. de 2017.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Distribuição da população, por cor ou raça no Brasil 2012-2016, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores>. Acesso em 05 jun. 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL Guia de livros didáticos: **PNLD 2016: História: ensino fundamental anos iniciais.** – Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2015.

CANEN, A. & Oliveira, A.M.A.(2002). Multiculturalismo e Currículo em Ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, n.21, p.61–74.

CARVALHO, Vera Lúcia M. O Escravo: da África para a senzala. Editora Planeta, **2017**.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL/Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1988.

DESPRAIRIES, Florence Guist. **A identidade como processo, entre ligação e desprendimento.** UFPR/ Curitiba, 2005.

EWALD, Ariane P. **Identidade e Crises Sociais na Contemporaneidade: Identidade e Construção do Sujeito numa era de incertezas.** UFPR/ Curitiba, 2005.

JANZ, R. C. Dez anos da Lei 10639/03: O que mudou nos livros didáticos de História? Uma proposta de análise. In: **XV Encontro Estadual de História da ANPUH – SC: Memórias, testemunhos e Estado, 2014**, Florianópolis, SC: UFSC, 2014.

LUCCI, Elian A.; BRANCO, Anselmo L. **Projeto coopera história.** Editora saraiva (org.): Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela editora Saraiva. 1 ed. 4º ano. São Paulo: Saraiva, 2014.

BRASIL. MEC - Ministério da Educação. **Lei obriga ensino de história e cultura afro.** Novembro 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/9403-sp-482745990> Acesso em 12 jun. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

MULLER, Tânia Mara Pedroso. **O negro no livro didático: O que nos contam as imagens?** Vitória, ES: EDUFES, 2012.

NETO, Jamil Zigueib. **Identidade e Crises Sociais na Contemporaneidade: A identidade e seus processos.** UFPR/ Curitiba, 2005.

PACHECO, Joice Oliveira. **Identidade Cultural e Alteridade: Problematizações Necessárias.** Revista Eletrônica dos Discentes de História. Disponível em: <http://secbahia.blogspot.com.br/2008/08/histria-do-livro-didtico>. Acesso em 11 de nov. de 2017.

RIBEIRO, Giselle Rodrigues; MENEGASSI Renilson José. **O negro e sua representação no livro didático de língua materna.** Maringá, Pr: Travessias: Pesquisa em Educação, Cultura, Linguagem e Arte, 2008. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/2915/2077> Acesso em: 18 set. 2017.

SANTIAGO, Léia Adriana da Silva. **As sociedades indígenas no encruzamento do prescrito e do vivido na cultura escolar.** Florianópolis, 2017.

SEYFERTH, Giralda. **O beneplácito da desigualdade breve digressão sobre racismo.** São Paulo, 2002.

SILVA, Roberto da; TOBIAS, Juliano da Silva. A educação para as relações étnico-raciais e os estudos sobre racismo no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 65, p. 177-199, dez. 2016.

SOUZA, S. S. O livro didático e as influências ideológicas nas imagens: por uma educação que contemple a diversidade social e cultural. In: IX Seminário do Programa de Pós-

Graduação Desenho, Cultura e Interatividade. Olhares Cruzados entre desenho e interdisciplinaridade: trilhas e partilhas, Feira de Santana, 2013.

VASCONCELOS, Lucimar R. Souza. **Projeto buriti história**. Editora moderna (org.): Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela editora Moderna. 3 ed. 4º ano. São Paulo: Moderna, 2014.

VIEIRA, Margarete da Rosa. **Vozes de ébano**: um estudo das representações sociais sobre os saberes escolares de estudantes afro-descendentes na educação de jovens e adultos do município de São José - Santa Catarina. 2009. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92334> Acesso em: 28 set. 2017.